

Sri Aurobindo : Dias de Prisão II

[...]

Mais tarde, o Dr. Daly e o subdiretor vinham quase todos os dias conversar comigo em minha cela. Não sei porque, desde o início eu ganhei sua simpatia e fui objeto de uma atenção especial da parte deles. Eu falava pouco, e me contentava em responder às suas perguntas. Quando eles abordavam um tema de conversação, eu ouvia em silêncio ou dizia algumas palavras insignificantes, depois, silenciava. Malgrado tudo, eles continuavam a me visitar. Um dia, Dr. Daly me disse: “eu me organizei, por meio do subdiretor, para obter do grande chefe a autorização de deixá-lo caminhar todos os dias, pelas manhãs e pelas tardes, diante de sua cela. Eu não gosto de vê-lo confinado durante todo o dia em uma pequena cela. É ruim para o corpo e para a mente.” A partir desse dia eu pude passear em espaço aberto. À tarde eu caminhava por 10, 15 ou 20 minutos, mas pela manhã eu permanecia fora uma hora, algumas vezes mesmo duas. Não estava submetido a nenhuma regra restrita para a duração dessas saídas e esses instantes me eram infinitamente preciosos. As oficinas da prisão de um lado, o estábulo do outro lado – essas eram as fronteiras do meu pequeno reino. Das oficinas ao estábulo, do estábulo às oficinas eu recitava, enquanto caminhava, os mantras imortais dos Upanishads e descobria em sua profundidade uma fonte de luz e de força; ou então observava as idas e vindas, as atividades dos prisioneiros, e tentava então realizar essa verdade essencial: *sarvaghate narayana*, Narayana está em todas as coisas – nas árvores, nas construções, nas paredes, nas pessoas, nos animais, nos pássaros, nos metais, na terra; *sarvam khalvidam brahma*, tudo isto é, na verdade, Brahman. Eu repetia esse mantra, buscando fazer com que essa visão me penetrasse. Pouco a pouco, meu estado de espírito muda de tal modo que a prisão deixa de ser uma prisão. Esse muro alto, essas barras de ferro, essa parede branca, essa árvore de folhas azuladas que os raios de sol iluminavam, todos esses objetos comuns não me pareciam mais inanimados ou insensíveis, mas, ao contrário, dotados de vida, habitados por uma Consciência que preenchia tudo, e eu tinha a impressão que todas essas coisas me amavam e queriam abraçar-me. Pessoas, vacas, formigas, pássaros passavam, voavam, cantavam – jogavam o jogo da Natureza; mas dentro, imerso em uma beatitude cheia de paz, mantinha-se uma Alma pura, vasta, desapegada. Parecia-me às vezes que o Senhor se mantinha de pé embaixo da árvore e tocava sua flauta, Sua flauta de Alegria, e meu coração se sentia atraído irresistivelmente pela doçura de suas notas. Eu tinha sempre o sentimento de que alguém me rodeava com seus braços, me cerrava contra o peito e, à medida que esse estado de alma crescia em mim, uma paz imensa, indizível, uma paz imaculada me invadia e tomava posse de mim. A casca que cobria meu coração se solta, deixando escorrer um fluxo de amor em direção a todas as criaturas. Ao mesmo tempo, bondade, compaixão,

não-violência, todas essas qualidades sárvicas puseram-se a florescer em mim e a dominar minha natureza, antes, rajásica. E quanto mais elas floresciaam, mais minha alegria crescia, e mais esse estado de paz inalterável se aprofundava. A inquietude que o processo podia me causar se havia dissipado desde o início, mas agora eu experimentava, ao contrário, o sentimento que foi Deus, em Sua toda-bondade, que havia, para o meu bem, me conduzido à prisão. Eu tinha a firme convicção de que seria absolvido, libertado. E a partir desse dia, eu não mais sofri de meu aprisionamento.

Convite

Com o vento e a intempérie que se agitam ao meu redor,
Eu subo ao cume da montanha e dos matagais.
Quem quer vir comigo? Quem quer subir comigo?
Patinhar nos arroios e atolar-se na neve?

Não é no círculo pequeno das cidades,
Apertado por suas portas e suas paredes, que eu habito;
Acima de mim Deus é azul no firmamento,
Contra mim o vento e a tempestade se rebelam.

Eu brinco com a solidão, aqui, em meus domínios,
Do infortúnio, fiz um amigo.
Quem quer viver vasto? Quem quer viver livre?
Que aqui ascenda, aos cimos varridos pelo vento.

Eu sou o senhor da tempestade e da montanha,
Eu sou o Espírito da liberdade e do orgulho.
Forte ele deve ser, e parente do perigo,
Aquele que compartilha o meu reino e caminha ao meu lado.
(Na prisão de Alipore, 1908 – 1909)

OM

ananda-mayi

chaitanya-mayi

satya-mayi

parame

Ó Tu

Toda-Beatitude

Toda-Consciência

Toda Realidade

O Supremo

(Mantra de Sri Aurobindo à Mãe divina)